

Caminho Francês

Setembro de 2003, outubro de 2004 e abril – maio de 2005

Obs. Estes arquivos relatam minha experiência pessoal no Caminho Francês de Santiago.

Não foram copiados de livros e nem de material da Internet.

Se quiserem opinar, discordar de alguma coisa, ou perguntar, entrem em contato

!Buen Camino, Peregrino!

Clinete Lacativa

1. Pireneus (setembro 2003)

Pensamos em ficar um ou dois dias em Pamplona pra acertar o fuso, mas quando vi que o tempo não ia dar muito, e ao encontrarmos o Paulo e o Reche no aeroporto para dividir o táxi do Hector, e aqui uma pausa: - o Hector foi maravilhoso, ajudou, deu dicas, quando passamos de novo por Pamplona foi mais uma vez muito atencioso, atendeu-nos sempre e bem quando o procuramos - resolvemos ir logo para Saint Jean.

Não deixamos as mochilas em Roncesvalles, como planejado, para não atrasar os que dividiam conosco o táxi. O Hector levou-nos direto para a sede da Associação dos Amigos do Caminho e já carimbamos as credenciais.

Fomos logo comprar o cajado, consegui um de castanheira, muito lindo com os nós da árvore e uma linda florzinha tipo edelweiss entalhada. O André havia levado um daqui, enorme e pesado, que ele abandonou em Obanos, comprando um mais leve e quase tão comprido em Puente la Reina.

Andamos por Saint Jean, fomos a Cidadela, vimos uma igreja, o rio, conversamos com d. Maria Camino, que fez tudo para que desistíssemos de começar a subida naquele mesmo dia. Mas eu encerrei a história falando que tínhamos chegado naquele dia e eu não iria ter condições de subir os Pirineus de uma só vez no dia seguinte.

O Paulo resolveu ficar e ela teve pelo menos um freguês...

Andando pela rua uma senhora francesa me abordou querendo saber de onde eu vinha e se ia até Santiago. Deu-me conselhos e acabou chorando emocionada, falando da peregrinação.

Infelizmente meu francês é de índio... mas entendi tudo o que ela falou, só não consegui muito dizer o que sentia... e isso aconteceu muitas vezes com os franceses, a maioria é monoglota e por isso talvez eles fiquem sempre agrupados. Começamos a subir, André, Reche e eu. A subida é pra valer. Só 5 km, mas de respeito. Depois de cada curva, sempre uma subida.

Saimos 3 e meia, 4 horas, eu na frente, os dois paulistas batendo papo mais atrás, até que perto de uma castanheira muito grande, saindo de uma casa a esquerda do caminho, dois homens me perguntaram se eu estava sozinha. Não, meu marido está ali... consegui dizer em francês.

Os dois se entreolharam, não sei se eles estavam preocupados em eu estar andando sozinha e eu resolvi esperar os dois proseadores, por via das dúvidas.

Já estávamos bem cansadinhos e resolvemos parar antes de umas casas à esquerda, com umas ovelhas laranjas pastando atrás... quando melhoramos o fôlego, e voltamos a caminhar, vimos que já estávamos em Untto. Um 5 e meia da tarde.

Ficamos na parte tipo albergue, embora em camas comuns, do outro lado da estrada. Havia umas trinta pessoas na casa rural. (No albergue, ficamos só os três brasileiros). A maioria franceses, quatro canadenses, e nós.

O jantar foi de restaurante francês: entrada de queijos, vinho do porto ou moscatel e sopa de legumes.

Depois um vinho tinto da Navarra, salada de alface, endívias e mais uma folha que não identifiquei, com moela de pato cortada fininha, presunto defumado cortado bem pequeno e croutons.

O prato principal foi pato com molho de laranja e batatas soutés.

De sobremesa, queijos dos Pirineus, um flan como de leite condensado, mas sem ser muito doce e desmanchando na boca, com um vinho frutado, também da Navarra.

O café da manhã teve um croissant, que quando lembro dele dá saudade.

Feito na hora.

A sra. Honorine, empregada, que se esforçava para não ser muito enjoada, mas eu a desarmeí, sendo super simpática, absolutamente fora do meu usual e chamando logo de Honorine... funcionou - preparou um lanche para a travessia com pão, queijo, presunto, alface, uma fruta... tudo nacional... Pagamos tudo 25 euros.

No dia seguinte esperamos o Paulo chegar e subimos, agora com a companhia de uma canadense, uma moça simpática e bonita, que também falava inglês. Pena que ela depois de umas horas andou mais depressa do que nós e não mais a vimos.

Logo ao sair da casa rural a gente sai da estrada e pega uma subida bem danada.

Depois volta de novo à estrada até a Virgem de Biakorre, depois ainda pela estrada, à direita. Paramos por aí para um lanche de frente para as montanhas, um dia lindo, com sol brilhando, lanchamos num cenário das cenas iniciais da Noviça Rebelde... e tendo ainda um monte de ovelhas pastando, pintadas ou marcadas de cores diversas, para saber quem é o dono, talvez...

O Caminho está bem sinalizado, embora muitas vezes no asfalto, o que me fez acreditar que deve ser meio complicado no inverno, com a neve, não vai dar pra ver as setas.

Um lugar onde as pessoas se perdiam muito - quando o pessoal carimba as nossas credenciais em Saint Jean, dá um mapa onde está bem assinalado este trecho, recomendando ir para a direita - está agora sinalizado à direita com um cruzeiro, cheio de pedras empilhadas.

A gente sai da estrada e pega uma trilha. Logo depois encontra um abrigo de pastor, assinalado com uma placa do Caminho, é muito lindo. A Zelia me disse depois que chorou quando o viu... É mesmo emocionante, aquele abrigo precário de pedras, voltado para a imensidão daquelas montanhas...

A partir daí, anda-se por longo trecho descendo entre bosques, mas com cercas dos dois lados. Deve facilitar também pra não se perder.

Neste trecho tem uma cruz lembrando o peregrino brasileiro que morreu lá no inverno passado, Antonio. Tem um grande marco, lembrando os mais de 700 km até Santiago, e depois, a fonte de Roldan.

Ainda tínhamos mais de um litro de água e não enchemos as outras duas garrafas. Resultado: apesar de estar fresco e à partir desse trecho pegamos uma chuva não muito forte, ficamos com sede depois de passar o Lepoeder. Sorte que os dois paulistas, Reche e Paulo, tinham parado um pouco e esperaram a gente e nos deram água.

O trecho até o Lepoeder é pela estrada e cheio de subidas e curvas.

Aquela história, depois de uma curva, sempre uma subida.

Decidimos, já na descida, ir por Ibaneta e não pelo bosque, para ver melhor o local da batalha onde os cavaleiros de Carlos Magno foram emboscados.

Muitas vezes as nuvens ficam abaixo de nós ou a neblina vem caminhando pra envolver a gente - é muito cartão postal.

Depois daí, a gente entra por um lindo bosque até chegar à Colegiatta de Roncesvalles.

A chegada é muito bonita e apesar de chegarmos pelas 6 horas, eu estava febril e não fui ver o sillo nem o xadrez de Carlos Magno.

Fui à missa, na igreja linda, mas o padre falava muito monocórdicamente e não foi muito emocionante como o povo sempre fala.

Provavelmente mais culpa do meu estado febril do que do padre.

Começou a serie de benções peregrinas, que iriam se tornar freqüentes em todo o Caminho, uma mais emocionante que a outra, além das belas vésperas beneditinas em Leon, Rabanal e Samos..

Como V. vê, foi muito bom e embora de mochila, mais pesada que o bom senso recomendava, foi muito lindo e não foi o bicho papão que imaginávamos.

O pessoal que subiu 3 dias antes de nós, teve uma experiência completamente diferente: tempestade com raios, trovões e muito vento...

No nosso dia vimos que iria chover no final da tarde, o que realmente aconteceu, mas foi uma chuva refrescante e como boa nordestina, eu adoro andar debaixo de chuva - desde que não seja muito forte, com raios e trovões...

Resumindo:

1. Vale começar pelos Pireneus. É lindo demais.
2. Vale parar em Untto. O local é lindo, a paisagem maravilhosa, a gente vê Saint Jean, Saint Michel... a comida é ótima e a gente começa devagar.

* Clinete

clinete@superig.com.br

clinete@lcativa.com.br